

NOTÍCIAS DE CULTOS PRETOS EM MANAUS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

NEWS OF BLACK CULTS IN MANAUS IN THE FIRST DECADES OF THE 20TH CENTURY

Adriano Magalhães Tenório¹



Resumo

Este texto é um levantamento histórico sobre a presença dos cultos pretos em Manaus/AM, no início do século XX, entre 1907 e 1920. A bibliografia sobre o tema, na realidade manauara, ainda é escassa, trabalhos muito pontuais que trazem recortes históricos a partir dos anos de 1940. Em maioria, as pesquisas estão concentradas nos campos da Antropologia e Sociologia, com a História caminhando nessa discussão. Essa pesquisa tem como propósito apontar para a presença de grupos de “pretos” atuando com sua religião. Os dados foram levantados no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira por meio de palavras-chaves que mostram números significativos de notícias sobre “pajelança”, termo genérico dado ao conjunto de cultos e/ou práticas mágico-religiosas populares do período. Seguindo autores como Lísias Negrão (1996) analisamos as notícias de forma qualitativa, observando alguns elementos descritos nessa fonte, como religioso, cultural e social, para que assim possamos notar a qual matriz religiosa fala a fonte, o levantamento vai mostrar alguns personagens, seus nomes e locais de atuação, tendo como pano de fundo a perseguição e criminalização presente nas notícias do *Jornal do Comércio*. Este texto é parte de uma reflexão, ainda em curso, que pretende observar as religiões afro-brasileiras por meio de uma perspectiva histórica. Seu objetivo é apontar possibilidades de estudo nesse campo.

Palavras-chave: Religiões Afro-brasileiras, Cultos Pretos, Batuques, Jornal, Manaus.

Abstract

This text is a historical survey on the presence of black cults in Manaus/AM, at the beginning of the 20th century, between 1907 and 1920. from the 1940s onwards. Most research is concentrated in the fields of Anthropology and Sociology, with History moving forward in this discussion. This research aims to point out the presence of groups of “blacks” working with their religion. The data were collected from the collection of the Hemeroteca Digital Brasileira through keywords that show significant numbers of news about “pajelança”, a generic term given to the set of popular magic-religious cults and/or practices of the period Following authors such as Lísias Negrão (1996), we analyzed the news qualitatively, observing some elements described in this source, such as religious, cultural and social, so that we can see which religious matrix the source speaks to, the survey will show some characters , their names and places of activity, against the

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Secretária Municipal de Educação de Barreirinha/AM. E-mail: tenorioadriano1@gmail.com.



background of the persecution and criminalization present in the news in *Jornal do Comércio*. This text is part of a reflection, still in progress, that intends to observe Afro-Brazilian religions through a historical perspective. Its objective is to point out possibilities of study in this field.

Keywords: Afro-Brazilian Religions, Black Cults, *Batuques* newspaper, Manaus.

Introdução

O tema das religiões afro-brasileiras na cidade de Manaus/AM é, sem dúvidas, um campo fértil e aberto para muitas possibilidades de investigação. Trata-se de um objeto que carece discussões de maior fôlego, uma vez que ainda são muito pontuais as pesquisas sobre o tema na realidade manauara. Observando a bibliografia local, ainda que nos campos da Antropologia e da Sociologia, essas religiões aparecem muito superficialmente, com apontamentos que suscitam mais questionamentos e, conseqüentemente, mais pesquisas. No campo da História, ainda há déficit nas investigações.

Atualmente, o trabalho do antropólogo canadense Chester E. Gabriel² é o mais apurado neste campo. Trata-se de uma pesquisa realizada, nos anos de 1970, que adentrou com profundidade no campo religioso afro-brasileiro e mediúnico manauara (pajelança, kardecismo e outros), percebendo não apenas as especificidades locais, mas principalmente, in loco, as transformações que ocorriam no campo religioso mencionado. O autor percebeu um fato importante: a força da umbanda que, por meio de sua organização federativa e institucional, amalgamava os cultos locais para si e estabelecia mudanças nos cultos afro-brasileiros e mediúnicos manauaras.

As pesquisas desse autor mostram também as religiões afro-brasileiras e mediúnicas em Manaus por meio de uma perspectiva histórica. Seu trabalho é ancorado nas pesquisas do intelectual amazonense Geraldo Pinheiro, que estudou os cultos locais desde meados dos anos de 1940. Chester E. Gabriel afirma que Geraldo Pinheiro, assim como ele, ao analisar a umbanda, assistiu às mudanças nas práticas locais da pajelança, ao observar a incorporação de elementos negros dos “*Batuques*”, expressão religiosa afro-brasileira que as pesquisas afirmam ter sido exercida em Manaus, desde pelo menos os anos de 1900. A religião chegou e organizou-se na cidade por meio dos nordestinos que vieram ao Norte brasileiro, atraídos pela forte economia da borracha.

A ideia de que os nordestinos, sobretudo os maranhenses, foram os responsáveis pela organização dos cultos afro em Manaus segue presente em toda a literatura sobre o tema.

² GABRIEL, Chester E. *Comunicações dos Espíritos. Umbanda, cultos regionais em Manaus e a dinâmica do transe mediúnico*. Trad. Margarida M.C Oliva. Edições Loyola, São Paulo, 1985.



Ainda que sejam escassos os trabalhos, pesquisas como a de André Vidal³ seguem afirmando aquilo que observou Geraldo Pinheiro, nos anos de 1940, e Chester E. Gabriel, nos anos de 1970. Infelizmente, os trabalhos do intelectual amazonense, tão importantes para entender esse tema, ainda são de difícil acesso. De seus escritos, apenas um foi encontrado, trata-se de uma comunicação em uma publicação de Nunes Pereira, que também é de difícil acesso.

No entanto, Chester E. Gabriel apresenta dados históricos preciosos das pesquisas de Geraldo Pinheiro, que aqui serviram de caminho para escolha do recorte histórico. Importa ressaltar que as pesquisas de Geraldo Pinheiro e Chester E. Gabriel apresentam recortes históricos a partir de 1940 até meados dos anos de 1980, ainda que este último autor traga dados a partir de 1900. As informações que tratam do início do século XX dão conta apenas de mostrar alguns personagens e também alguns fatores importantes que serão discutidos no texto.

Este texto é parte de uma investigação em curso, pesquisas que têm analisado a presença dos cultos pretos em Manaus nas primeiras décadas do século XX, por meio das notícias do *Jornal do Comércio* do Amazonas, presentes no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. As investigações têm apontado algumas questões instigantes, como a presença não apenas desses cultos, mas a atuação de outras manifestações como a pajelança, além de aspectos históricos, como a perseguição e a criminalização dos cultos e/ou práticas mágico-religiosas de caráter popular. Além disso, as análises têm mostrado também a atuação de personagens, por meio de nomes e locais de atuação, não contemplados nas pesquisas realizadas anteriormente.

Em suas investigações, Chester E. Gabriel⁴ apresenta algumas atuações desse período, *nomes* que se tornaram históricos por estarem atribuídos na formação e/ou organização dos cultos pretos manauaras do início do século XX: a maranhense *Joana Maria da Conceição*, conhecida como Mãe Joana; o alagoano conhecido como “Pai João”, mas que, segundo o autor, há pouquíssima informação; e as maranhenses *Antônia Lobão* e *Maria Estrela*⁵. Por meio da observação das fontes coletadas, de fato, nota-se a presença dessas personagens atuando em Manaus no início do século XX e, ao que parece, bastante conhecidos no lugar. No entanto, um ponto que surge, ao analisar as notícias do *Jornal do Comércio*, é a

³ ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução aos estudos sociológicos da Amazônia**. 2ªed. Revista – Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 78.

⁴ GABRIEL, 1985, p. 149.

⁵ GABRIEL, 1985, p. 147.



atuação de outros personagens que chegam para levantar ainda mais questionamentos sobre a presença dessas religiões em Manaus, na primeira metade do século XX.

Longe de ser um texto com muitas certezas, essa comunicação pretende suscitar ainda mais pesquisas. Aqui se trabalhou apenas com o *Jornal do Comércio*, mas há outras possibilidades de periódicos de observação. Ainda assim, a análise do conjunto de notícias sobre esse tema nos ajuda a observar o cenário cultural de Manaus, nas primeiras décadas do século XX, marcado pela perseguição e criminalização dos cultos e ou práticas mágico-religiosas populares. Essa percepção é demarcada nitidamente no conjunto dos textos jornalísticos que mostram a campanha do jornal, a partir de 1912, aliada à polícia, contra esses cultos e/ou práticas mágico-religiosas, isso se deu não apenas aos cultos pretos, mas também à pajelança.

Aliás, não é possível falar dos cultos pretos em Manaus sem esbarrar na pajelança. Isso porque, para encontrar indícios dessa presença no periódico analisado, é preciso olhar as fontes com muita atenção e notar sobre o que falam as notícias. Acima, foi mencionado que o culto preto exercido em Manaus foi o “Batuque” e, ao procurar por essa alcunha nas ferramentas de busca da hemeroteca, houve um retorno de uma infinidade de menções, já que se trata de um termo genérico que pode significar muitas coisas. Lísias Negrão aponta para essa questão ao notar a generalização nos discursos jornalísticos para denominar cultos e/ou práticas mágico-religiosas populares em São Paulo. Na segunda metade do século XIX e início do século XX, os cultos e/ou práticas mágico-religiosas populares foram genericamente chamadas de *feiticeira*, *magia negra*, *curandeirismo*, *baixo espiritismo*⁶ e congêneres, o que dificultava entender de que se tratavam de fato.

No caso de Manaus, isso ocorreu da mesma forma, mas o termo genérico mais usado para denominar os cultos e/ou as práticas mágico-religiosas foi *pajelança*. No caso dos praticantes, sempre os homens, estes foram chamados de *pajés* e as mulheres, em maioria, *feiticeiras e bruxas*, nunca como *pajés*. Por isso, para se entender a natureza do culto descrito na fonte jornalística é preciso olhar como apontou Lísias Negrão⁷ em seu trabalho: analisando, quando possível, os elementos ritualísticos descritos nas fontes. Foi apenas analisando caso a caso que se tornou possível perceber aqui quando as notícias falam de cultos pretos.

Dito isso, este texto tem como propósito mostrar alguns indícios da presença de cultos pretos em Manaus, nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1907 e 1920,

⁶ NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 18-38, 1996.

⁷ NEGRÃO, 1996, p. 18-38.



por entender que, no período, há maior concentração de notícias sobre o tema. Ao todo, foram compulsadas notícias que foram analisadas por meio dos aspectos religiosos que falam aos cultos pretos. Aliás, até aqui, a denominação dada às religiões afro-brasileiras tem sido “cultos pretos”, isso porque, por meio das pesquisas no *Jornal do Comércio*, ainda não foi possível perceber o tipo de culto exercido. Vale lembrar que falamos de religiões afro-brasileiras, no plural, e são inúmeras as manifestações desse grupo e suas particularidades. Saber mais sobre o tipo de culto exercido em Manaus é, sem dúvidas, uma questão pertinente que segue em aberto. Neste texto, apontam-se algumas possibilidades que carecem de outras fontes. As pesquisas falam dos “Batuques”, mas é necessário observar se “Batuques” não é também um termo genérico que pode esconder muitas outras possibilidades.

Por fim, antes de observar as notícias, os indícios dessa presença, vale apontar alguns fatores históricos do período analisado. Manaus, capital da borracha, vivia a febre da economia da borracha com transformações em todas as direções. O Brasil vivia suas transformações sociais, culturais e econômicas, marcadas pela passagem do Império para República, que trazia os ares positivistas europeus da modernidade, do novo, do científico. Os grupos por trás disso, as elites econômicas brasileiras, não mais toleravam o atraso, o velho, o arcaico e, as manifestações religiosas aqui tratadas, sem dúvidas, esbarraram nessa perspectiva.

O trabalho clássico de Yvone Maggie⁸ mostrou cuidadosamente o processo histórico pelo qual as religiões populares (afro-brasileiras e mediúnicas), do final do século XIX e início do XX, passaram nos órgãos de repressões do Estado: justiça e polícia. Desde a implementação do Código Penal de 1891, com os artigos 156, 157 e 158, o Estado brasileiro passou a ter aparatos legais para criminalizar e perseguir essas manifestações religiosas populares. Em Manaus, é possível notar esse processo, ao encontrar notícias que trazem polícia e praticantes no mesmo discurso.

Na Polícia: Lino Alves, Pernambucano, Pajé

Durante a primeira década do século XX, são pontuais as notícias de atuações de práticas mágico-religiosas no *Jornal do Comércio*. Entre 1907 e 1909, por exemplo, há apenas duas notícias. Uma de 1907, um relato sobre a prisão de um “pajé” e seus clientes na cidade de Belém, no Pará⁹ e a segunda, uma pequena nota, da coluna *Na Polícia*, que convocou o

⁸ MAGGIE, Yvonne. **Medo do Feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

⁹ JORNAL DO COMÉRCIO, 12/08/1907, p. 2.



homem “Lino Alves de Souza, 76 anos, casado, pernambucano, pajé”, a comparecer à delegacia para averiguações com o “Dr. Delegado do 3º distrito, Victor de Souza”¹⁰.

Analisando o material coletado no periódico, referente à primeira década do século XX, uma percepção inicial é de que não há nessa fonte qualquer referência que mostre a presença de cultos e/ou práticas mágico-religiosas de matriz preta. Pelo pouco número de fontes referentes ao período, que não trazem tantas informações, há de fato essa primeira conclusão. Essa presença começou a dar os primeiros sinais a partir dos anos de 1913, e ocorreu efetivamente nos anos de 1914, com um “candomblé”, no bairro da Cachoeirinha. Uma questão que surge dessa primeira observação nas fontes é: onde estavam afinal essas atuações? Importa lembrar que, segundo as pesquisas, há presença de cultos pretos em Manaus, desde pelo menos o início do século XX¹¹.

No entanto, observando com atenção a pequena nota policial de 1907, no detalhe referente à naturalidade de Lino Alves de Souza, que o relato afirma ser do estado de Pernambuco, é possível retomar a discussão presente nas investigações locais, que afirmam, em consenso, de que os cultos pretos dos “Batuques” se formaram em Manaus, a partir da chegada dos nordestinos, durante o auge da economia da borracha. Essa indicação, somada à percepção de que o discurso jornalístico chamou todos os cultos e/ou práticas de “pajelança” e seus praticantes de “pajé”, demonstra a possibilidade de haver um primeiro indício, no *Jornal do Comércio*, da presença de cultos e/ou práticas de matriz preta na primeira década do século XX.

Em 1877, o Nordeste passou por uma calamitosa seca que estimulou um movimento de migração intenso para outros lugares do Brasil. Naquele momento, o Norte vivia a febre da economia da borracha e muitos nordestinos vieram a Belém/PA e Manaus/AM, atraídos pela economia que seguia em ampla expansão. Paulo Marreiro dos Santos Júnior afirma que o período é quando se observa grandes levas de nordestinos chegando ao Amazonas¹². Não há consenso nas pesquisas sobre os números exatos de nordestinos que chegaram a Manaus. Samuel Benchimol¹³ apresenta dados estimados, entre 1850 e 1915, de *trezentos e cinquenta*

¹⁰ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 16/03/1907, p. 1.

¹¹ GABRIEL, 1985, p. 147.

¹² JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. **Cotidiano da Suspeita**: etnia e criminalização na Belle Époque amazonense. Portugueses, índios, tapuios, cabocos e nordestinos, 1890 – 1920. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 282.

¹³ BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco antes e além-depois*. **Coleção Amazônia 1**, Manaus, 1977. p. 251.



mil migrantes, oriundos em massa do Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Ceará¹⁴.

As pesquisas de Geraldo Pinheiro e Chester E. Gabriel, ao levantarem os primeiros dados sobre os cultos pretos em Manaus, mostram que, em maioria, os praticantes eram de fato oriundos do Nordeste, principalmente, do estado do Maranhão. Geraldo Pinheiro entende que os maranhenses foram os responsáveis pela implementação em Manaus dos cultos mais organizados:

a penetração dos negros maranhenses no vale amazônico operou-se, em grande escala, com o ‘rush’ da borracha em fins do século passado e começo do presente, fator que deu origem aos Batuques da Amazônia ocidental, principalmente os de Manaus, com vida estruturada em condições de culto permanente, no conhecido estilo afro-brasileiro¹⁵.

Os dois autores afirmam que os cultos, nesses moldes mais “afro-brasileiros”, instalaram-se em Manaus a partir de 1900, com a fundação do primeiro terreiro de “Batuque”, iniciado por Joana Maria da Conceição, conhecida por Joana Gama, nascida em São Bento, Maranhão¹⁶. Existem outros dados sobre fundação de espaços religiosos de matriz preta, que datam de 1908, com iniciados também no Maranhão. Porém, há informações sobre outros praticantes oriundos do estado Alagoas¹⁷.

Voltando a Lino Alves de Souza, infelizmente, esse pequeno indício nos deixa mais questões do que certezas. Não é possível afirmar que esse caso mostre uma atuação de um praticante de cultos pretos na primeira década do século XX. Procurando por sua alcunha nos registros jornalísticos, nada mais foi encontrado. Se foi um praticante de cultos pretos e chegou a Manaus por volta de 1870, primeira onda de nordestinos na cidade, ter “76 anos” de idade torna possível que, pelo menos desde a segunda metade do século XIX, estivesse em atividade religiosa no local, não se sabe se com cultos afro-brasileiros ou práticas mágico-religiosas, ou mais, se era mesmo dedicado a alguma atividade do gênero. O fato é que é relevante registrar seu nome, à medida que esse pequeno indício pode possibilitar caminhos para ampliação da compreensão histórica das religiões afro-brasileiras na cidade.

No entanto, é claro que um nordestino poderia ser um pajé, poderia ter incorporado à sua prática os elementos locais da pajelança e, desse modo, ter se identificado como tal. No trabalho de Chester E. Gabriel, o autor aponta que muitos nordestinos, que atuavam nos “Batuques”, incorporam em suas manifestações elementos da pajelança local. Em seu

¹⁴ GABRIEL, 1985, p. 144.

¹⁵ GABRIEL, 1985, p. 146.

¹⁶ GABRIEL, 1985, p. 147.

¹⁷ GABRIEL, 1985, p. 147-149.



levantamento histórico, afirma que isso foi mais forte após os anos de 1940¹⁸. O mesmo autor afirma também que, no processo de volta às suas terras natais, após o colapso da economia da borracha, muitos nordestinos incorporavam, no sentido mediúnico, em seus rituais, os espíritos dos encantados¹⁹, que são característicos da pajelança cabocla. Na pesquisa de Aldrin Figueiredo, sobre o Pará, há também menções de pajés nordestinos, como no caso de “Raimundo de Belém, o pajé do Ceará”²⁰.

Outro caso curioso, que também levanta mais dúvidas do que certezas e conversa bastante com o caso de Lino Alves, foi encontrado no *Jornal do Comércio*, em 1912, acerca do relato da prisão de um “pajé baiano”, o homem “Luiz França”, preso em Manaus por curandeirismo e adivinhações. O jornal relata todo o movimento até a prisão, desde a denúncia da atuação, que se passava no bairro de São Raimundo, até alguns pequenos detalhes do espaço de atuação e relatos breves de suas práticas. O interessante do relato é o fato de que, segundo o jornal, Luiz França tinha afirmado ter a habilidade de “tirar bichos²¹” das pessoas, técnica descrita que remete à pajelança cabocla e não aos cultos pretos. Assim como a maioria dos casos encontrados no periódico, ele também foi chamado pelo jornal de “pajé”.

A notícia é mais focada em divulgar a prisão de mais um “explorador da credulidade pública” e não há tantas descrições sobre as práticas do baiano. A questão central é notar a presença dos nordestinos, atuando em práticas mágico-religiosas, mesmo que o discurso jornalístico tenha os chamados de “pajé” e suas práticas de “pajelança”. Existe a forte possibilidade desse praticante estar atuando em cultos pretos, as possibilidades ficam em aberto e é necessário compulsar outras fontes para ampliar a percepção da presença histórica desses cultos²².

Os casos aqui mencionados não dão clareza sobre as práticas e/ou cultos exercidos, mas apontam possibilidades. No entanto, a pesquisa vai mostrar outros indícios da presença de cultos pretos e, mesmo em meio a perseguição e a confusão no discurso jornalístico, que a

¹⁸ GABRIEL, 1985, p. 151.

¹⁹ GABRIEL, 1985, p. 103.

²⁰ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados**: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudos 1870 – 1950. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996. p.10.

²¹ Segundo Eduardo Galvão (1955) “Tirar bichos” é uma técnica da pajelança cabocla que funciona com a extração do mal de uma pessoa. Nesse sentido, para que haja cura, deve ser feita a remoção dos “bichos” por um pajé experiente. A cura acontece quando o pajé, com a boca, faz a extração do animal ou objeto no local onde acredita estar situado o mal. A natureza desse “bicho” varia, pode ser um objeto, um fragmento de madeira ou osso e, no caso de animais, insetos pequenos como besouros (GALVÃO, 1955, p. 98).

²² Importa afirmar que, nas pesquisas do *Jornal do Comércio*, muitas das notícias afirmam que, nesses casos, foram abertos inquéritos policiais para análise. Essa, sem dúvidas, pode ser uma fonte privilegiada de observação do tema.



tudo denominava “pajelança”, existem elementos descritos nas notícias que vão mostrar essa presença em Manaus.

Em Meio À “Pajelança”, Novos Indícios De Atuações De Cultos Pretos

Entre 1912 e 1927, identifica-se, por meio do discurso jornalístico, o momento em que o *Jornal do Comércio* estava em campanha contra as “pajelanças”, principalmente ao chamar a atenção das autoridades policiais para o “sério problema”. Os articulistas do periódico dedicaram-se a construir narrativas que mostravam todo o empenho do jornal em denunciar atuações, espaços religiosos e mostrar a ação da polícia para “dar fim” ao “problema” que, “espantosamente”, cada vez mais se “espalhava por Manaus”²³. O número mais substancial de fontes encontradas, sobre a primeira metade do século XX, está concentrada nesse período.

Para perceber as matrizes religiosas registradas nas fontes, em meio a toda essa generalização de termos, passou-se a observar as descrições dos elementos ritualísticos presentes nas matérias jornalísticas. É preciso reafirmar que o teor das notícias desse período é muito mais denunciativo do que descritivo. As articulações jornalísticas eram mais focadas em narrar os fatos sobre mais um “pajé” preso, em apontar os locais onde se praticava “indecorosidade”, os “antros de pajelança”, quase sempre denunciados pela população, do que descrever os aspectos do culto e/ou prática. Há investigações patrocinadas pelo periódico, nas quais os repórteres foram deslocados até os locais denunciados, conversaram com praticantes, mas com o objetivo de apontar as atividades religiosas a partir de uma perspectiva sensacionalista.

Por todos esses fatores, na maioria dos casos, ficou muito difícil captar com segurança os elementos ritualísticos consistentes, o que ajudaria a ampliar a percepção da presença histórica, bem como apresentar mais características das práticas documentadas. Em algumas situações, as características sequer aparecem, uma vez que o texto jornalístico está muito mais dedicado ao sensacionalismo e/ou a exortação das autoridades policiais. Por isso, para identificar a matriz do culto e/ou prática, foi necessário se ater aos detalhes das narrativas jornalísticas e explicar alguns os elementos ritualísticos que falam da matriz preta.

No bairro da Cachoeirinha, em 1913, um caso surge após denúncias dos moradores sobre uma “célebre curandeira”, nas “imediações do esquadrão da cavalaria”, a “muito conhecida Mãe Luzia”. A publicação sobre essa “feiticeira” é fruto de uma investigação do

²³ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 10/03/1913, p.1.



jornal, que deslocou seus “repórteres” para “sondar o terreno e apurar os fatos denunciados”. A notícia tinha a intenção de apontar a praticante e desvendar mais um “antro de pajelança” em Manaus, sem deixar de lembrar seus leitores sobre os “perigos dessa gente”, que leva a “vida fácil”, “explorando a boa-fé da população”²⁴.

Assim como em todas as investigações do jornal, os repórteres foram ao local apontado se passando por “clientes” e, uma vez na presença da responsável pelas atividades religiosas, articularam uma conversa baseada em pedidos (geralmente amorosos), de onde retiravam as informações para desvendar “os mistérios da pajelança”. Nos relatos, não são descritos tantos elementos sobre as práticas de “Mãe Luzia”, há uma pequena descrição sobre o espaço físico, onde se nota a presença de um altar religioso, caracterizado apenas por santos católicos. O repórter afirmou ter ouvido também rezas católicas e, por fim, registrou os valores pagos pelos “trabalhos” realizados no local²⁵.

Outras informações dão conta de apresentar as características físicas da mulher, relatos que afirmam ser ela uma “negra velha”, uma “preta”. São raras, nos relatos jornalísticos, indicações sobre a cor dos praticantes, mas, nos casos sobre “pajelança”, onde se relata “algazarras” e/ou “barulhos infernais”, “batusques” e “grotescas credices” os “pretos” em maioria estavam presentes. Após mencionar a cor de Luzia, o articulista passa a se referir à mulher sempre por essa característica. Além disso, usou outros adjetivos como “curandeira” e “feiticeira”. Após ter presenciado todos os processos no espaço, afirmou categoricamente que naquela casa se praticava “pajelança”. Porém, pelos poucos elementos, a atividade religiosa fala à outra matriz, no caso, preta.

Não tanto pelos elementos ritualísticos descritos na investigação, que podem falar ao catolicismo (santos e rezas católicas) e que, igualmente, podem caracterizar qualquer culto e/ou prática popular, mas ao fator cor e, não podemos esquecer, era “muito conhecida” como “Mãe Luzia”, indicativo que leva à afirmação de que essa praticante atuava em cultos pretos. A simples menção de “mãe”, a frente do nome de Luzia, indica ser a mulher uma sacerdotisa de algum tipo de culto preto, as conhecidas mães de santo. Na hierarquia das religiões afro-brasileiras, as mães ou pais de santo são considerados líderes, tanto espirituais, quanto matérias de um espaço religioso. Por serem “mães” ou “pais”, quase sempre têm seus “filhos”, os “filhos de santo” que, dentro da religião, estão condicionados a figuras capazes de conduzir nos seus ensinamentos e segredos. Como a “mãe” também foi filha, é possível afirmar que

²⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, 10/03/1913, p. 1.

²⁵ JORNAL DO COMÉRCIO, 10/03/1913, p. 1.



tenha passado por um longo processo iniciático dentro de um espaço religioso organizado, com suas hierarquias e segredos.

Ser “muito conhecida” por “Mãe Luzia” é também um fator a ser considerado. Assim como “Mãe Luzia”, outras “mães” vão aparecer nos documentos pesquisados, mulheres que atuavam em cultos pretos. “Mãe Joana”, a mais conhecida, mencionada também nas pesquisas como a primeira a organizar uma casa de culto, também aparece nos relatos jornalísticos. Isso pode demonstrar que essas “Mães” já estavam atuando em Manaus, mesmo perseguidas.

Infelizmente, não foram encontradas outras menções à Luzia e o relato de 1913 não apresenta outros dados que pudessem nos ajudar a seguir sua atuação. Dentro dos levantamentos bibliográficos sobre praticantes de cultos pretos, não há qualquer menção sobre Mãe Luzia. Desse modo, registramos mais uma ocorrência de praticantes de cultos pretos atuando na primeira metade do século XX.

Por fim, a matéria encerrou informando aos leitores que continuaria a mostrar os “antros da pajelança” e que o jornal havia designado um “repórter especial” para cuidar desses casos, o que realmente aconteceu nos anos posteriores. No entanto, mesmo com novas indicações, ainda assim continuaram sendo raras as matérias que trazem descrições densas sobre os cultos e/ou práticas. Em maioria, as articulações dedicavam grande parte dos textos em alertar os leitores para o problema, tido como grave e que já estava espalhado pelo Amazonas, cultuado por todo tipo de gente, seja:

gente boa e gente de baixa condição. Desde a dama de auto coturno à preta de pés descalços. Do ancião venerando à criança inocente. Homens, mulheres e meninos, muitos, inúmeros, infinita é a quantidade dos que, aqui e por toda parte do Amazonas, como pelo vasto Brasil a fora, acreditam, temem, procuram os mistérios ocultos e tremendos da ‘pajelança’ ou da ‘mandinga’ ou do ‘catimbó’ e dezenas de outras denominações. Ah! As bizarras curiosas e incuráveis da gota de sangue africano ...”²⁶

No mesmo ano da nota acima, 1914, a dupla Marcelino Ramos e Izabel Pereira da Silva era acompanhada, sem saber, por um repórter do *Jornal do Comércio*, que observou de perto as atividades religiosas do casal, em um local onde “há muito tempo vem se praticando pajelança” e “é explorada a credulidade pública”, o local era, mais uma vez, o bairro da Cachoeirinha. A investigação deu conta de apresentar alguns relatos de uma cerimônia realizada pelos citados, na qual proferiram-se alguns cânticos, um deles reproduzido na

²⁶ JORNAL DO COMÉRCIO, 04/03/1914, p. 1



matéria: “eu vi um *caboclo*/ chupando um maracujá/ foi quem me livrou da morte e dos caboclos do Pará”. Os cânticos, soube o repórter, eram “rezas” que presenciou, feitas em volta de uma fogueira, onde se jogavam folhas secas e aromáticas que perfumavam o local. Terminada a “sessão”, afirma ter certeza serem essas práticas uma “pajelança”²⁷, em indícios posteriores, os cânticos, os caboclos e outros elementos descritos voltam a ser citados.

As descrições não apresentam detalhes da prática da dupla, mas a presença de um “caboclo”, mencionado em um dos “cânticos”, é indicativo de se tratar de cultos de matriz preta. O caboclo é uma entidade espiritual que remete aos indígenas, muito associada ao universo da Umbanda²⁸. Porém, importa ressaltar que, no período, a Umbanda ainda estava em seu processo de formação, muito provavelmente não ainda presente no Amazonas. No entanto, autores como Lourival Andrade Junior afirmam que o caboclo também esteve presente em outras denominações religiosas de matriz africana/afro-brasileira mais antigas que a Umbanda, como na Jurema Sagrada, manifestação comum ao nordeste e no Candomblé de caboclo²⁹, uma das vertentes do tradicional Candomblé baiano.

Há duas possibilidades de identificar o *caboclo* em uma cerimônia: a primeira por meio de seus pontos riscados³⁰, depois por seus pontos cantados. Aqui nos interessa falar dos cânticos que são instrumentos que permitem que a entidade espiritual se manifeste no médium, como um “chamado”. São carregados de informações que identificam qual caboclo que irá se manifestar. Segundo os praticantes, os pontos cantados são sagrados, não podendo ser utilizados de forma aleatória³¹. Importa ressaltar a descrição do repórter sobre os “cânticos” professados pelo casal, que soube, na verdade, serem “rezas”.

Outros indícios aparecem na mesma perspectiva dos mencionados até aqui. As *Coisas Policiais* informaram, em 1915, o “fim de um pajé”. O homem José Raymundo da Mota, “que tem mania de ser pajé” e “de descobrir o passado e o futuro”, foi preso porque todas as noites, na casa de Pedro Nolasco Bacury, na Avenida Urucará, Cachoeirinha, fazia “um barulho infernal com sua feitiçaria terrível”. A nota é um pequeno informativo sobre a prisão do homem e de seu ajudante, Sebastião Gomes de Lima³².

²⁷ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 04/03/1914, p. 1

²⁸ Segundo o mito fundador da Umbanda, o espírito que incorporou no médium carioca Zélio de Moraes, no ano de 1908, foi um caboclo, conhecido como Caboclo das Sete Encruzilhadas. Segundo relatos, a entidade se dizia indígena; as representações acerca do espírito também o colocam como um indígena.

²⁹ JÚNIOR, Andrade L. Os caboclos nas religiões afro-brasileiras: hibridação e permanência. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 15, n. 34, p. 224-240, 10 jul. 2015.

³⁰ Pontos riscados podem ser identificados como um conjunto de símbolos dentro de um círculo e tem como função mostrar a marca da identidade espiritual e suas características. (Júnior, 2014, p. 225).

³¹ JÚNIOR, 2015, p. 224-240.

³² *JORNAL DO COMÉRCIO*, 27/02/1915, p. 1.



Observando os “barulhos infernais”, é possível que se trate do uso de tambores, instrumentos comuns aos cultos pretos. Nessa situação, não é possível afirmar que os barulhos vinham mesmo do instrumento, mas, em relatos posteriores, que trazem menção de “barulhos demoníacos”, de “algazarra” e, novamente, os “barulhos infernais”, os “tambores e gambás” apareceram como causadores do “barulho”, que, claro, chamou a atenção de vizinhos, do jornal e da polícia. Aliás, os “barulhos” foram uma constante nas evidências sobre cultos de matriz preta.

Isso foi o que ocorreu com uma “profetiza preta”, denunciada pelos moradores e apontada pelo jornal, atuando no centro de Manaus. A mulher, sem nome divulgado, andou incomodando seus vizinhos, fazendo muita “algazarra” e “barulho” no local. Segundo as denúncias dos moradores, ela “grita esbraveja”, isso porque, dedica-se a um rito “misterioso”, que ninguém soube informar do que se tratava. Além dela, havia em sua companhia, um ajudante, que os locais descobriram ser um “pajé”³³. A nota não dá outras informações sobre esses praticantes, resume-se a chamar a atenção das autoridades policiais para os fatos.

Outros “barulhos demoníacos”, dessa vez no bairro de Educandos, foram a queixa dos moradores à polícia, que denunciaram uma certa “pajelança” de uns “estranhos religiosos” que, segundo a notícia, foram “trancafiados” após uma operação polícia no local. Pelo título, *A pajelança: treze espertalhões foram trancafiados*, temos a noção da prisão de um grupo maior de praticantes. Apesar de serem denominados por “pajés”, os indícios mostram que a prática exercida pelo grupo tinha mais características de um culto preto, principalmente pela presença de um “grupo”³⁴.

Pela notícia, o “bando” cultuava Santa Bárbara, santa católica que aparece com frequência em outros indícios de cultos pretos. Além disso, há relatos da apreensão dos instrumentos usados pelos praticantes flagrados na cerimônia: “tambores e gambás”. Na prisão, o jornal conta que os religiosos prometeram aos policiais que estes seriam castigados, pois eram todos filhos de Santa Bárbara e que a santa traria justiça aos praticantes. Seus nomes: "Domingos Gomes da Silva, Raymundo José Dias, José Guerra, Francisco Batista Rodrigues, José Gomes da Silva, Manoel Raymundo da Conceição, Francisco Marques da Silva, Zacharias Laurindo Barbosa, Joaquim José Mesquita, Maria Santos, Theophilo Silva, Victorina Silva e Anezia Paula”³⁵.

³³ JORNAL DO COMÉRCIO, 26/05/1915, p. 1.

³⁴ JORNAL DO COMÉRCIO, 21/08/1916, p. 1.

³⁵ JORNAL DO COMÉRCIO, 21/08/1916, p. 1.



Outro “culto a Santa Bárbara” voltou a ser noticiado, dessa vez envolvido em uma outra situação, que não a de criminalização, mas de uma briga entre um casal. A matéria relata uma agressão física de um marido a sua esposa que, ao que parece, tinham uma vida conjugal muito conturbada. Em um “belo dia”, “José Paiva de Oliveira”, sem qualquer explicação, chegou em casa e começou a espancar a mulher, colocando-a para fora da residência deles. A matéria seguiu relatando todos os percalços da mulher, cheia de indagações sobre os motivos da agressão. Depois de muito investigar, ela descobriu que seu marido havia entrado em uma “seita de Santa Bárbara”, “na Cachoeirinha”, “onde (eles) moram”. Nesse local “se devociona com grotescas vozes e infernais batuques todos os sábados”. Foi participando de uma dessas sessões, que José Paiva descobriu, por meio dos espíritos cultuados na “seita”, que sua esposa era infiel e, por conta do que soube, voltou à casa e agrediu a esposa, expulsando-a. A história termina com a presença da esposa na Delegacia, que prontamente prendeu o homem. Ele prometeu que “Santa Bárbara” iria vingá-lo³⁶.

A Cachoeirinha continuou nas manchetes, quando o assunto era “pajelança”. A notícia é sobre um comerciante do bairro que notificou à polícia de que estava sendo prejudicado por conta de alguns “pajés”. Afirmou o homem às autoridades que, depois de terem os “pajés” colocado um “galo” na frente de seu comércio e ter ele que conviver com a “roncaria cavernosa de uns porcos, altas horas da noite, sob influências das rezas de pajés”, seu estabelecimento e vida começaram a ir muito mal. Recebida a denúncia, o delegado foi averiguar a situação e constatou “o trabalhinho” dos “pajés”, prendeu todos que logo confessaram as práticas, afirmou o jornal. Uma das “bruxas” levou o investigador ao lugar onde fazia “seus trabalhos”, o local era uma “encruzilhada”, onde foram “encontradas quatro velas queimadas, uma garrafa de cachaça, uma garrafa de azeite de dendê e, no centro, o galo entaniçado”. Apesar do jornal afirmar ser mais uma “pajelança”, os elementos mais concretos remetem aos cultos pretos³⁷.

Mais uma “infernial algazarra” foi notícia nas *Queixas do Povo, as reclamações que nos trazem*, coluna de denúncias do periódico analisado. A informação apontou mais um local, o conhecido “Pobre Diabo”, no bairro da Cachoeirinha. O “Pobre Diabo” é um local daquele bairro que abriga uma das mais famosas capelas de Manaus, o espaço é dedicado ao culto de Santo Antônio e, por muito tempo, abrigou uma série de festejos católicos e eventos culturais. Apesar de curta, a nota informou a descoberta do jornal sobre um “bando de pretos” reunidos

³⁶ JORNAL DO COMÉRCIO, 14/08/1914, p. 1.

³⁷ JORNAL DO COMÉRCIO, 04/06/1920, p. 1.



no local para “festejar Santa Bárbara” e que “à noite, em batuque” vem “promovendo infernal barulho que perturba o sono dos moradores do lugar”³⁸. Ao que mostra as fontes, o “Pobre Diabo” estava na mira das autoridades quando o assunto era os “batuques”.

Os Batuques Debochados Do Pobre Diabo, Cachoeirinha

Como mostrado até aqui, por meio da bibliografia, a manifestação religiosa afro-brasileira praticada em Manaus, até meados dos anos de 1960 e 1970, foi o “Batuque”, expressão religiosa oriunda do Nordeste, que chega à cidade junto com os nordestinos que buscavam a forte economia da borracha.

Nas pesquisas no periódico analisado, as primeiras menções de um “batuque” aconteceram no ano de 1914, no episódio acima citado, referente à briga de casal e, depois, no relato “dos pretos que festejavam Santa Bárbara”. Nos dois casos, o “batuque” mencionado, parece estar mais associado ao som (possivelmente de um tambor) do que a uma manifestação religiosa propriamente dita, apesar dos dois relatos estarem associados a algum tipo de atividade religiosa. Os “Batuques”, como uma possível expressão religiosa, começam a aparecer no *Jornal do Comércio* a partir de 1917.

Tem-se afirmado também que, a partir de 1912, o *Jornal do Comércio* levantou uma verdadeira campanha contra as “pajelanças” manauaras, na qual imprensa e polícia seguiam aliadas no processo. No entanto, a partir de 1917, notam-se, no material analisado, outras intervenções para conter o “problema”, dessa vez, vindos da câmara municipal, por meio das autoridades políticas. Até aqui, não foram encontradas outras instituições atuando no combate. Porém, através da coluna *Nos baixos do Palácio Velho*, espaço dedicado a noticiar as pautas debatidas na câmara municipal, em 16 de outubro de 1917, o edil Sérgio, pediu a palavra:

Caro senhor presidente, sendo representante do povo nesta casa, não posso deixar de fugir a defesa de seus interesses, mormente quando os seus usos e costumes estão sendo achincalhados com desrespeito flagrante à moralidade e ao sossego público. Quem se der ao trabalho ou à curiosidade de passar pela praça Floriano Peixoto, na Cachoeirinha, conhecida outrora por Santo Antônio e hoje denominada Pobre Diabo, ve-rá levantada diversas barracas onde se joga e se faz batuques debochados, encobertos com a capa de homenagens a Nossa Senhora de Nazaré³⁹.

O principal pedido de edil Sérgio para o presidente do conselho municipal, Dr. J. Ribeiro, era que a autoridade acatasse seu requerimento, pedindo ao Dr. Superintendente Municipal, para que ele informasse à Casa sobre essas “barracas” onde se pratica “batuque”.

³⁸ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 25/07/1914, p. 1

³⁹ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 16/10/1917, p. 1.



O edil convocou não apenas as autoridades presentes, mas exortou as autoridades eclesiásticas para que proibissem os católicos de participar das festas do Pobre Diabo. O principal receio do edil era que, por conta dessas manifestações, Manaus voltasse a ser considerada uma terra “não civilizada”, como era apontada pelos viajantes dos finais do século XIX. O discurso de modernidade imperou em toda sua fala, para ele, esse tipo de prática levava Manaus ao passado e isso não poderia jamais ser admitido⁴⁰.

Contextualizando o Pobre Diabo, nesse local da Cachoeirinha, há ainda hoje uma capela dedicada a Santo Antônio, onde, no passado, eram realizados uma série de eventos e festas religiosas. São inúmeras as menções do lugar no *Jornal do Comércio*, mostrando as diferentes atividades ocorridas naquele espaço. Além de festas religiosas, aconteciam exposições de filmes, teatro e atividades culturais das mais diversas. Ao que parece, a praça Floriano Peixoto, que ficava em frente à capela e onde ocorriam as atividades culturais e religiosas, era bastante frequentada pela população manauara, inclusive havia linhas de bonde que iam do centro até o lugar.

Esse indício levantou uma possibilidade de visualizar melhor a atuação dos praticantes dos “Batuques”, usando os festejos dos santos católicos do Pobre Diabo para encobrir o culto de suas próprias divindades. Quando o edil mencionou que os “batuques debochados” estavam “encobertos com a capa de homenagens” a uma santa católica, retorna-se às fontes para observar e tentar ampliar essa discussão. Através da análise dos documentos, é expressivo nos registros que falam dos cultos pretos, a associação com algum santo católico ou com as festas. Isso é significativo no caso de Santa Bárbara, a evidência de 1914 da “algazarra dos pretos” é um exemplo. Porém, há outros, na mesma Cachoeirinha, onde uns “pajés” estavam cultuando Santa Bárbara “perturbando o sossego público” naquele “subúrbio”⁴¹.

Levantando as características de um “Batuque”, Chester E. Gabriel afirmou que a religião devociona santos católicos, cultuados em festejos especiais, que eram os momentos em que o culto era professado. Uma das praticantes entrevistadas em sua pesquisa afirmou que as festas aconteciam sempre nos dias de “Santa Bárbara, 3 de dezembro; de Santa Lúcia, 13 de dezembro; São Benedito, 3 de abril; Sant’Ana, 20 de julho; São Cosme e Damião, 27 de setembro”⁴². Ela não menciona, nem o autor, que no passado os praticantes usassem desse

⁴⁰ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 16/10/1917, p. 1.

⁴¹ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 12/07/1919, p. 1.

⁴² GABRIEL, 1985, p. 111.



artifício para professar sua fé, mas o fato de termos esse tipo de devoção pode corroborar para a possibilidade levantada.

Outro pesquisador a apontar a presença de santos católicos nos cultos do “Batuque” manauara, foi André Vidal:

em todos esses ‘Batuques’ vivem superstições em torno de Santa Bárbara, São Sebastião, São Cosme e Damião, São Jorge, São Bonfim, São Jerônimo, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Prazeres, São Paulo, Divino Espírito Santo etc. Santa Bárbara é a padroeira geral⁴³.

Infelizmente, pelo periódico não avançar nessa possibilidade, seria necessário compulsar outras fontes. Porém, observando o conjunto de indícios, estes continuam a levar a crer nesse caminho. Isso porque a maioria das fontes sobre os “Batuques” foram registradas nos arredores do Pobre Diabo, na Cachoeirinha, além disso, a presença de “festas” também é expressiva nesses indícios. A primeira praticante levantada nas pesquisas, e que também está presente nas fontes, a mulher Joana Gama, em geral, também aparece envolvida em festas, que no decorrer dos tempos se tornaram “célebres” no local. Segundo as pesquisas, Joana Gama morava e atuava com sua religião atrás da capela do Pobre Diabo, às margens de um rio que passa no bairro⁴⁴.

Na pesquisa de Lísias Negrão (1996), na realidade de São Paulo, há uma situação semelhante, na qual muitos religiosos de cultos pretos se travestiam de centro espírita kardecista para passarem despercebidos pela polícia, isso foi notado pelo autor nos anos de 1928⁴⁵. É claro que a ideia de uma “capa” para esconder um culto ou uma prática mágico-religiosa não é algo novo na trajetória das religiões afro-brasileiras, mas seria muito válido perceber esses fatores na trajetória analisada.

No entanto, o edil Sérgio voltou a falar sobre os “Batuques”, na câmara municipal, em um outro momento, após ter sido atendido seu requerimento, solicitando relatórios sobre os “Batuques” da Cachoeirinha. Em sua fala, mostrou-se indignado com o relatório do Superintendente Municipal. Não é possível entender exatamente o porquê, mas ao que parece, a indignação veio pelo fato da autoridade municipal não suprimir os festejos do Pobre Diabo, pois eram tradicionais no local. Além disso, segundo o edil, o relatório afirmou que não existia naquele local esse tipo de “coisa”⁴⁶. Depois dessa intervenção, não notamos mais outras instâncias atuando no combate.

⁴³ ARAÚJO, 2003, p. 86.

⁴⁴ ARAÚJO, 2003, p. 86.

⁴⁵ NEGRÃO, 1996, p. 65.

⁴⁶ *JORNAL DO COMÉRCIO*, 19/10/1917. P. 1.



O fato é que, naquele 1917, há muitas menções de “Batuque” na Cachoeirinha, quase sempre envolvendo polícia. Há casos, por exemplo, onde as autoridades fecharam espaços e conversaram com espíritos em “sessões” naquele bairro. Esses relatos trazem novos dados sobre personagens conhecidos nas pesquisas. Em um dos casos, notamos a presença de *Joanna Gama*, praticante aqui citada e que aparece nas pesquisas como a primeira a abrir um terreiro de “Batuque”.

Outro fato que surge, ao analisar o conjunto de informações sobre a presença dos cultos pretos, é que à medida que os anos avançam, os casos vão diminuindo consideravelmente. Após os anos de 1920, não há no jornal tantas informações. Apenas algumas surgem, ainda nessa perspectiva de perseguição e criminalização. Observando o conjunto de fontes da Hemeroteca, entre os anos de 1904 e 1980, nota-se que, entre 1927 e 1940, há uma baixa considerável de casos, que reaparecem após 1940, agora chamados de “macumba”.

Considerações Finais

Como foi possível notar, aqui foram tratados os indícios da presença de manifestações religiosas de matriz preta em Manaus, nas primeiras décadas do século XX. Nota-se que esses indícios pouco falam sobre as religiões. Trazem somente algumas informações pontuais que mostram a matriz do culto e/ou prática, mas não adentram as suas especificidades.

As pesquisas históricas sobre as religiões afro-brasileiras ainda carecem de mais fontes, de outros olhares e novas questões. Como mencionado, uma questão central é entender qual o culto exercido em Manaus no início do século. As pesquisas mostram, em outras realidades, o início de religiões como a umbanda, no Rio de Janeiro e São Paulo, e a presença do tradicional candomblé, na Bahia e no Rio de Janeiro. No norte e nordeste, desde pelo menos meados dos finais de XIX, religiões como o Tambor de Mina, no Maranhão, e Xangôs, no Recife. O fato é que, sobre o Amazonas, por ora, temos apenas fortes indícios.

Por meio desta análise, foi possível notar atuações que ocorriam majoritariamente no bairro da Cachoeirinha, que na época era um bairro periférico de Manaus. Nota-se também um tipo de culto organizado em “sessões”, festas, celebrações e pessoas pretas professando suas fés. Há referências de nomes e personagens que estavam fora das pesquisas, mas que aparecem atuando em cultos pretos, informações que, sem dúvidas, podem levar à ampliação da discussão do tema.



Data de submissão: 16/10/2021

Data de aceite: 17/05/2022

Fontes

Jornal do Comércio, Hemeroteca Digital Brasileira. (1904-1980).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução aos estudos sociológicos da Amazônia**. 2ªed. Revista – Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2003.

BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. Vol.1, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. Vol.2, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-brasileiros**. Coleção Ciências Sociais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco antes e além-depois**. Coleção Amazônia 1, Manaus, 1977.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. A constituição de um campo de estudos 1870 – 1950. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

GABRIEL, Chester E. **Comunicações dos Espíritos. Umbanda, cultos regionais em Manaus e a dinâmica do transe mediúnico**. Trad. Margarida M.C Oliva. Edições Loyola, São Paulo, 1985.

GALVÃO, Eduardo. A vida religiosa do caboclo da Amazônia. **Boletim do Museu Nacional, N.S. Antropologia nº 15**, 1955.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. Coleção Brasiliana. São Paulo, 1976.

GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9 n.19 p. 247 -281, julho, 2003.

JÚNIOR, Andrade L. Os caboclos nas religiões afro-brasileiras: hibridação e permanência. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 15, n. 34, p. 224-240, 10 jul. 2015.

NEGRÃO, Lísias. Entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**, Revista Sociológica USP, São Paulo 5(1-2): 113 -122, 1991.

NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.



PRANDI, Reginaldo. Modernidade como feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. **Tempo Social, Revista Sociológica USP**, São Paulo 2(1):49 -74, 1 set. 1990.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. **Cotidiano da Suspeita**: etnia e criminalização na Belle Époque amazonense. Portugueses, índios, tapuios, cabocos e nordestinos, 1890 – 1920. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

TENÓRIO, Adriano Magalhães. **Pajelanças e Cultos Pretos em Manaus (1904 a 1940)**. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.262>

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidades Amazônica**. Coleção Brasileira. São Paulo, 1977.

